

Empresários gaúchos advertem para riscos de novo retrocesso

2

POR
PORTO ALEGRE
AGÊNCIA ESTADO

O País corre o risco de ingressar num período de profunda estagflação, que poderá levar a um retrocesso institucional, advertiram ontem, em Porto Alegre, alguns dos principais líderes empresariais gaúchos. "Nem os empresários nem os trabalhadores — enfim, a economia — resistirão a um novo processo hiperinflacionário e a uma disparada dos juros. Isso vai implodir o País", asseverou o presidente do grupo Ughini — do ramo atacadista —, Alecio Ughini, para quem estão se criando todas as condições para um retrocesso institucional.

O empresário gaúcho comentou que uma inflação de 7 ou 8% ao mês é "perfeitamente administrável", e os empresários estão dispostos a dar a sua colaboração, não reajustando seus preços em demasia.

O presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, César Rogério Valente, disse que o quadro de estagflação se evidencia com a disparada da inflação e o achatamento salarial. Pelos cálculos da Federasul, de setembro a dezembro a inflação atingirá 44,37% — totalizando 354% no ano —, enquanto os salários subirão apenas 26,24%.

"Somente nesse período, haverá, portanto, queda real de 12,56% nos salários. Os juros já subiram, o que provoca a redução das vendas, e a economia se desaquece. Além disso, "temos uma Constituinte que não satisfaz, que, ao contrário, revolta a população. A classe média está empobrecendo, perdendo **status** e isso dá uma revolta incrível. Cria-se com isso um caldo de cultura para a união da classe média com a classe operária, que está sempre descontente", diagnosticou o dirigente empresarial gaúcho, notando que o clima para

um retrocesso institucional se evidencia até pelo fato de os chefes militares "estarem falando mais".

Também o vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias Elétricas e Eletrônicas, Paulo Vellinho, considerou real o risco de estagflação. Todavia, ponderou que essa situação poderá ser evitada com uma "integração perfeita e sólida, num clima de estreita confiança", entre governo, empresários privados e trabalhadores.

Vellinho não descreve a "tecnologia nova" dos choques econômicos heterodoxos, comentando que, ao seguir os modelos de Israel e da Argentina, talvez o Brasil consiga "ir aperfeiçoando" sua economia a cada novo choque, até obter a estabilização. O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Mandelli, disse não estar tão "pessimista" em relação às possibilidades de êxito do Plano Bresser.